
D. BRANCA: FANTÁSTICO, DIGRESSÃO E IRONIA

MARIA DO CARMO CASTELO
BRANCO DE SEQUEIRA

Publicado em 1826, em Paris, o Poema *D. Branca* inaugurou historicamente (juntamente com o Poema *Camões*, 1825), o romantismo português. Neste ano do bicentenário do nascimento de Garrett, cumpre lembrar esta obra híbrida, onde se combinam, num cenário digressivo e sob uma forma clássica, o Trágico, o Burlesco e o Fantástico.

The poem *D. Branca* was published in Paris in 1826 and has historically given birth (together with the poem *Camões*, 1826) to the Portuguese romanticism.

This year when we are celebrating the bi-centenarium of Garrett's birth, we can't help remembering this hybrid work, where the tragic, the burlesque and the fantastic are mingled in a digressive setting and under a classic form.

1. A relativização estética que a teoria climática do belo preconiza e que tem em Madame de Staël a sua formulação teórica (a partir da oposição entre "Literaturas do Norte" e "Literaturas do Sul", entre poemas ossiânicos e poemas Homéricos¹), é elemento axial em *D. Branca* – eixo re-estruturador de uma escrita que se pretende pioneiramente romântica, sem perder marcas de classicismo e tão-pouco deixar de representar alguns dos grandes mitos do escritor Almeida Garrett – essencialmente o da novidade, do eclectismo e do nacionalismo².

Publicado pela primeira vez em Paris, em 1826, apenas com sete cantos, é refundido em 1848 pelo autor que o aumenta para dez explicando a necessidade da sua reescrita no "Prólogo da segunda edição":

Dos sete cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o enredo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episódios mais ligados. Do estilo tirei muitas

¹ "Il existe, ce me semble, deux littératures tout à fait distinctes, celle qui vient du midi et celle qui descend du nord, celle dont Homère est la première source, celle dont Ossian est l'origine. Les Grecs, les Latins, les Italiens, les Espagnols, et les Français du siècle de Louis XIV, appartiennent au genre de littérature que j'appellerai la littérature du midi. Les ouvrages anglais, les ouvrages allemands, et quelques écrits des Danois et des Suédois, doivent être classés dans la littérature du nord, dans celle qui a commencé par les Bardes Ecossais, les Fables Islandaises, et les Poésies Scandinaves..." [1991: 203 e 204]

² Sobre os mitos do escritor e do romântico Garrett, v. COELHO, Jacinto do Prado, "Garrett e os seus mitos", *Problemática da História Literária*, 1961:151-157

D. BRANCA: FANTÁSTICO, DIGRESSÃO E IRONIA

voltas de arcaísmo forçado que sabiam à reacção filintista em que estava a língua quando primeiro o compus. E muitos deixo ainda, em memória de como algum tempo conseguiu passar por obra póstuma do padre Francisco Manuel este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto, as iniciais de F. M."

O poema inicia-se, argumentativamente, com uma Proposição de fé romântica, onde o poeta confessa abdicar das "aras profanas greco-latinas", para penetrar e se inscrever integralmente no maravilhoso "tirado das fábulas populares, crenças e preconceitos nacionais"³:

12

Áureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grécia amável, crença linda
De Vénus bela, Vénus mãe d'amores
(...)
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hinos canto.

Esta renúncia vai ser reiterada, mais amplamente, no Canto III através de toda uma explanação teórica em que o poeta, afirmando agora repudiar o maravilhoso rúnico, procura centrar-se e nutrir-se de um maravilhoso nitidamente nacional, cujos elementos serão aqueles com que a "boa Brígida" entretinha a sua infância: fadas, encantamentos, almas penadas manifestações diabólicas:

Vivam as fadas, seus encantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mitologia nacional e própria
Tome enfim o lugar que lhe usurparam
Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingénua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postiças, emprestadas galas
Arreada sem primor, rica sem arte.

Penetramos, assim, na esfera do maravilhoso que vai ser o grande suporte da intriga e, simultaneamente, um adjuvante divertido da crítica.

2. A acção de *D. Branca* situa-se na Idade Média, no momento histórico da conquista do Algarve, em pleno reinado de D. Afonso III, respondendo, assim, a pressupostos românticos perfilhados reiterativamente por Almeida Garrett.

³ Assim o afirma expressamente na nota C ao primeiro canto do poema. [*D. Branca*, Porto, Lello & Irmão, s/d: 210]

90

Não há, no entanto, por parte do narrador, a preocupação de seguir o rigor histórico, mas de seguir antes outra lógica – a lógica ficcional, no seu maior grau de inverosimilhança – permitindo-se toda aquela liberdade que ele sempre concedeu à estética e aos poetas⁴.

De facto, a intriga constrói-se sobre os fantasiosos amores de D. Branca (filha do rei português) com o rei mouro Aben-Afan, criando uma situação dilemática, a dois níveis: a paixão entre os representantes de dois povos em conflito, por um lado, e, por outro, a impossível ligação entre uma freira cristã e um rei muçulmano. A solução que encontrou para este gérmen de tragédia (e que respondia aos parâmetros estabelecidos na Proposição) foi a utilização alargada do maravilhoso.

Deste modo, consegue envolver nas sequências da história, não só fadas, encantamentos de castelos e lendas de S. João, como diabos, espectros e os poderes ocultos de S. Frei Gil de Santarém.

A intervenção da fada Alina combina-se, assim, transgressoramente, com a acção do Fado (conjugando de forma equívoca, maravilhoso e tragédia) e, conseqüentemente, vai permitir que Aben-Afan seja conduzido até ao Palácio encantado, atravesse, com a maior das facilidades, a entrada (cujos ferozes leões estão, para a circunstância, providencialmente adormecidos) mas que, seja posto, para alcançar a Ventura, perante um terrível dilema: escolher entre o amor (simbolizado pela murta) e a glória (simbolizada pelo louro).

A opção pela murta (com toda a debilidade ocasionada pela obrigação de uma escolha alternativa), vai determinar uma acção agitada: entrada dos mouros no mosteiro de S. Bento – onde Branca repousava, para poder continuar depois a viagem até Holgas; combate entre os invasores e o intrépido Nuno, enfim vencido; rapto da Infanta que é levada, pelo Rei mouro, para o palácio encantado da fada.

A entrada dos dois amantes no palácio maravilhoso pareceria conduzir à pacificação intemporal do "para sempre felizes", se o conflito genológico não fracturasse essa tranquilidade, não permitindo a Aben-Afan o esquecimento do mundo:

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória,

⁴ De facto, Almeida Garrett não se sente obrigado, como poeta, a respeitar as regras de Heródoto, como, de formas diferentes, vai afirmando. No *Frei Luís de Sousa*, considera que nenhum drama ou romance são possíveis se se pretende construí-los com "a arte de verificar as datas" e no poema *Camões*, a propósito de Bernardim Ribeiro, diz na nota F ao canto VIII: "Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me acusasse de ter seguido outra diversa no *Auto de Gil Vicente*. Não era erro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permitido violar a história, que liberdades não terá ele com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?" [*Camões*, Porto Lello & Irmão, s/d: 217]

Esquecida 'té-'li, lhe dá lampejos
Na fantasia: acodem, pouco e pouco
À memória que surge do letargo
Em que o deleite a houve — ora do ceptro
O brilho o resplendor do diadema...
Ora a pátria em perigo, ora a vitória
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados loiros...

14

A crescente luta interior — que as defesas do palácio não conseguem evitar — dará cada vez mais força ao inconsciente desejo de abandonar "o florescido ramo e o deixar secar", demonstrando que não há solução para as posições dilemáticas, mesmo quando ajudadas pela força das fadas e seus encantamentos

O maravilhoso é, assim, colocado na dependência de géneros que o transfiguram e derrotam. O fantástico (personificando-se no poder oculto de Frei Gil que domina o Diabo e o faz servi-lo) permite, então, ressuscitar, em "Val-da-morte", o "esqueleto descarnado" do pai de Aben-Afan que, entrando no palácio "arrasta e leva / com invencível força o mauro jovem". Estão perspectivados, desta forma, os termos da catástrofe trágica, condenando os amantes à separação que a morte do mouro torna irremediável, mas essa conclusão fechada é dada de forma nova, conjugando o trágico, com uma mistura do horrendo, onde se combinam motivos fantásticos: o esqueleto, o Diabo e quadros da feitiçaria medieval.

No regresso à História, a conquista do Algarve alicerça-se, afinal e por força da poesia, sobre a tragédia amorosa, sacrificando o factual ao ficcional e colocando o herói no caminho intermédio entre a glória do épico e a problemática do romântico, entre o universal e o mutável.

3. Mas o hibridismo do poema não acaba aqui, como se o narrador quisesse estabelecer o programa e a figura da transgressão romântica, a todos os níveis e de todas as maneiras.

Assim, insinua-se, nos interstícios da tragédia, um registo crítico, sob a forma burlesca, que vai incidir, essencialmente, sobre o clero regular e se desenvolve em vários espaços e circunstâncias. Bom e cómico exemplo dessa crítica é o episódio da *Tremenda* exigindo que, à meia noite, e depois de um "frugal" jantar constituído por "perus trinta, por cabeça os leitões, adens sem conto", os bernardos interrompessem o sono para comer uma posta de toucinho temperado com azeite e vinagre, óptimo remédio para "afogar sonhos maus e tentações do demónio" e a que um canto entoado em procissão dava a necessária "solenidade"... :

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitência,
Levantai-vos, que a hora é chegada.

Mas não é só a gula que serve de motivo para a crítica anti-clerical. Outros vícios, entre eles, a luxúria, a hipocrisia e a falta de fé são igualmente apontados e servem a feição fantástica do universo diegético de *D. Branca*. Assim, Frei Lopo, por intervenção do diabo, enamora-se de "uma velha beata de Mafamede, que o traz gordo, cevado de pilau e de badana" e Frei Soeiro, possuído diabolicamente, depois de tentar violar a irmã de Aben-Afan, acaba por ser levado à presença do Rei e de Frei Gil, para responder pelos crimes. Tão "sujo", porém, é o frade que o próprio Diabo o expulsa de si:

E eu vou-me embora deste sujo frade
Que nunca entrei em corpo tão imundo
Nem temos lá no Inferno lagartixa
De mais nojo e fedor que este maldito.

Mais tarde, depois de conquistado o Algarve, irá pagar com a vida o crime de traição, apesar das súplicas da boa Oriana – súplicas que não conseguem, todavia, demover o rei que manda pendurar a sua cabeça nas ameias da torre.

A crítica não se esgota, porém, na análise jocosa do clero. Também a medicina, através de Frei Gilvaz, é atacada com os lugares comuns já derivados de António José da Silva ou de Nicolau Tolentino: o número interminável de medicamentos com que quase mata o doente, a retórica burlesca dos estereótipos latinos com que doura a ignorância e o excesso de petulância escolástica com que esgrime os "imaginários zoilos". O futuro de Frei Gilvaz acaba também, e por forma semelhante a Lopo, por ser talhado pelo Diabo:

O médico, judeu no fundo d'alma,
Está visto, custou-me pouca lida
A dar co'ele outra vez na sinagoga.

Repostos assim, nos seus verdadeiros lugares, o reverendo Lopo e o físico Mestre Gilvaz e condenado à morte frei Soeiro, a história aproxima-se do fim no seu resvalar trágico, esgotando o riso e substituindo-o, definitivamente pelas lágrimas, pela morte e pela loucura.

4. Se a estrutura da narrativa se organiza numa estranha simbiose de maravilhoso, de cómico e de trágico, nos interstícios destas linhas genológicas, e configurada como expansão dos núcleos, surge a digressão, iniciando um processo que, em Garrett, atravessará toda a sua obra e terá os seus pontos máximos no "Prefácio" à *Lírica de João Mínimo* (1828) e em *Viagens na Minha Terra*, começada a publicar-se em 1843, na *Revista Universal Lisbonense*.

A digressão, sendo um processo nitidamente romântico, permite, para além da intrusão ideológica do narrador, uma vertente expressiva que tendo a sua origem no poema *Camões*, irá, sobretudo, florescer em *Viagens na Minha*

Terra, onde se combina com outras manifestações textuais, como o poema em prosa ou a descrição subjectiva.

16

Em *D. Branca*, salvo aspectos mais particulares e específicos, como as considerações que tece sobre os festejos de S. João (no canto X), os efeitos digressivos têm mais a ver com algumas formulações críticas que irão, depois, estender-se a toda a sua obra. Estão nesta linha, as reflexões sobre a decadência portuguesa – pondo-a em oposição a um passado glorioso (estância X do canto III) –, ou sobre as "duas falanges" das letras: a clássica e a romântica, ensaiando já aí "o discurso do eclectismo" que nunca mais há-de abandonar (canto III, estância XII).

5. A instabilidade política em que viveu o país, durante a juventude do poeta, obrigando-o a expatriar-se para a Inglaterra e para a França, foi naturalmente uma experiência dolorosa, mas foi também altamente enriquecedora no que diz respeito ao seu desenvolvimento cultural e artístico.

D. Branca é uma obra que fica a dever-se a essa experiência. Se mantém ainda muitas marcas arcádicas, é, por outro lado, uma das obras pioneiras da "nova literatura". De facto, nela se perspectiva, meta literariamente, uma ruptura estética que condicionará o gosto da geração de Garrett, ao mesmo tempo que foi, igualmente, uma compensação e um refrigério para o escritor ausente da Pátria, como confessa a Duarte Lessa:

...Ouve, escuta
O alaúde romântico, ouve as coplas
Do amigo trovador: à nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Embalar as saudades, e dar folga
Às ânsias d'alma co'as ficções do engenho.

BIBLIOGRAFIA

COELHO, JACINTO DO PRADO - *Problemática da História Literária*, Lisboa, Ática, 1961
GARRETT, ALMEIDA

- *Camões*, Porto, Lello & Irmão, s/d

- *D. Branca*, Porto, Lello & Irmão, s/d

MACHADO, ÁLVARO MANUEL - *Les Romantismes au Portugal*, Paris, Centre Culturel Portugais, 1986

MADAME DE STAËL - *De la Littérature*, Paris, Flammarion, 1991

MONTEIRO, OFÉLIA PAIVA - "Garrett", in *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Caminho, 1997

REIS, CARLOS - *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Edições da Universidade Aberta, 1989